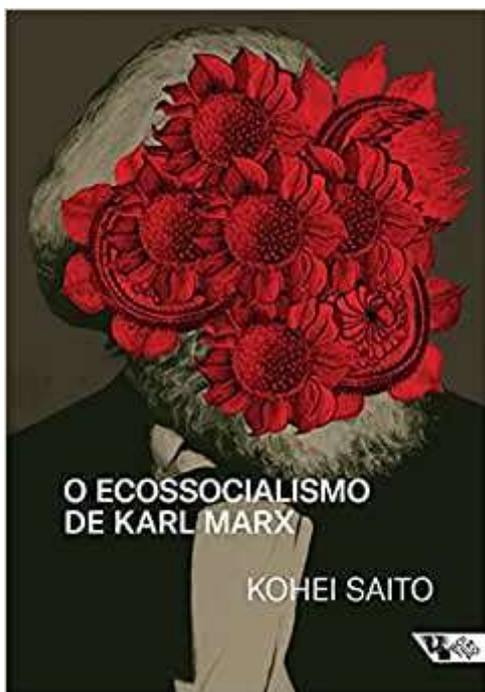


Kohei Saito para repensar a relação com a natureza no pensamento marxista

SAITO, Kohei. *O Ecossocialismo de Karl Marx: capitalismo, natureza e crítica inacabada à Economia Política*; tradução Pedro Davoglio; 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2021. 352 páginas.

LEONARDO DOMINGOS BRAGA DA SILVA*



Resenhamos aqui uma obra que traz uma contribuição essencial para nossa situação planetária de crise climática. Seu autor, Kohei Saito, é professor da universidade de Osaka (Japão), filósofo e economista político. Seu maior destaque bibliográfico é precisamente esta obra premiada pelo *Deutsche*

Memorial Prize (O Ecossocialismo De Karl Marx) originalmente publicada em 2017 em língua inglesa e em 2021 traduzido para o português pela Boitempo. Nesse livro, o autor defende que crítica marxiana à economia política tem sofrido condenações por não se entender a dimensão ecológica envolvida nessa filosofia. Mas para sair dos lugares comuns dessa discussão (que mesmo no ecossocialismo se mantém no ceticismo em relação à capacidade do marxismo em pensar a crise ecológica), o autor recorre a cadernos inéditos de Marx (publicados pela MEGA, que é o principal arquivo utilizado para consulta das obras não publicadas de Marx e Engels) para mostrar que o produtivismo não é o mote do pensamento materialista; ao contrário, o central é o metabolismo. Conceito que, como demonstra Saito, Marx tira das ciências naturais de seu tempo e que aponta para a íntima conexão entre natureza e humano, entre substância e sujeito. Assim, o livro visa esclarecer que Marx lida com o todo da natureza como lugar



* LEONARDO DOMINGOS BRAGA DA SILVA é Bacharel em Ciências Sociais (UFRN), Mestre em Filosofia pelo PPGFIL (UFRN).

de resistência ao Capital, de tal sorte que a contradição ecológica é a mais importante; isso faz ver que Marx abandonou, em sua maturidade, sua visão otimista sobre o potencial emancipatório do capitalismo

A obra, que possui seis capítulos, faz um percurso quase cronológico, iniciando com os manuscritos de 1844 e indo até os manuscritos recém publicados na Mega, como cadernos de citações, notas, e cartas que vão até 1870. Ao longo do tempo, como o autor demonstra, o interesse de Marx por questões ecológicas é crescente, a tal ponto que é uma razão fundamental para a incompletude do terceiro tomo do Capital, tamanho era o foco na questão ambiental. Assim, o primeiro capítulo (cujo título é *A alienação da Natureza como surgimento do moderno*) mostra que já nos escritos de 1844 (*manuscritos econômico filosóficos*), encontramos em Marx uma preocupação com a divisão entre humano e natureza, mas pensada como alienação. Nesse momento, entende Saito, Marx concebe a propriedade privada como responsável por essa cisão: uma vez que tal propriedade separa o camponês de seus meios de vida, de sua terra e instrumentos. Saito argumenta que já no feudalismo isso é notável, uma vez que a terra não mais aparece enquanto natureza, mas como mediada pelo senhor e sua ideologia; com isso, os produtores passam a se relacionar com a terra como propriedade alheia, o que é levado ao extremo com a propriedade privada burguesa.

Assim, o humano se estranha de suas forças, funções ativas, seu trabalho e corpo orgânico, mas também, como afirma Saito, de seu corpo inorgânico (a natureza) que passa a ser de posse de outro. O trabalho alienado faz da atividade vital um simples meio para

manter a existência, por isso o trabalho não é mais livre da obrigação de satisfazer a necessidade física imediata e passa a ser lugar de perda de realidade. O senhor, desde o feudalismo, podia se apropriar da natureza enquanto simples extensão inorgânica de seu corpo, argumenta Saito, lugar em que mesmo os servos entravam como parte. Apesar disso, o feudalismo tem uma relação mais orgânica do que o capitalismo com a natureza, uma vez que o senhor é, em certo sentido, sua terra, pois essa se reveste de história, simbolismo e narrativa sobre a família de seu possuidor. Já com o capitalismo, conforme o autor, a dominação deixa de ser pessoal e se torna reificada: a abstração (capital e dinheiro) passam a ser os sujeitos, os donos da natureza e as forças volitivas que a põem em movimento sem qualquer outra finalidade para além do aumento de sua (do capital) potência.

Podemos ver que o livro traz uma poderosa leitura sobre os primeiros escritos de Marx, nos quais já se põe a questão da alienação como muito mais do que uma relação entre humanos, pois a partir dela o trabalhador perde seu contato e afetividade com a natureza e precisa ir ao mercado vender sua força de trabalho e a própria terra passa a ser mercadoria; desaparecendo o lugar para subjetividade, narrativas, simbolismo: a terra vale apenas enquanto produtora de capital. Assim, a crítica de Marx não é somente que o capitalismo simplesmente destrói a terra por sua necessidade de produzir volumes cada vez maiores de mercadorias para uma população cada vez maior; a questão não é apenas quantitativa, mas também qualitativa, o modo da relação com a natureza é alienante.

No segundo capítulo (*O metabolismo da Economia política*) Saito inicia a discussão do conceito que ele considera chave de leitura para Marx, o de metabolismo, que enfatiza o processo de trabalho como uma interação metabólica que envolve três elementos: matéria-prima, meio de produção e trabalho humano.

O autor defende que Marx tentava explicar não a unidade do humano com a natureza, mas a separação, que é um processo histórico. A conexão com a natureza significa, afinal, a conexão do humano consigo mesmo, pois o humano é simples parte. Mas não basta a consciência abstrata da unidade, é preciso novas práticas para que essa unidade seja efetiva e propriamente consciente. Com a alienação da natureza, várias consequências surgem, como o empobrecimento e perda de sentido da própria vida, então reduzida ao mero subsistir. Assim, o autor levanta a importante tese de que a principal alienação que a produção capitalista produz é em relação à natureza, pois somos barrados de nosso acesso às nossas condições inorgânicas de existência (pois temos que pagar até pela água e mesmo o ar se privatiza com as usinas eólicas e aviões, etc.).

Saito faz ver que Marx divergiu dos materialistas científicos naturais de seu tempo pois eles não perceberam a diferença material, diferença entre os próprios materiais; expresso de modo fisiologista: o sangue se recupera mais rápido do que o músculo que por sua vez é mais rápido do que os ossos; desse modo, não basta falarmos de um tempo médio de recuperação do corpo, pois obscureceria as diferenças materiais. Igualmente, temos essa diferença no entre o capital fixo e o circulante (que têm tempos de retorno de valor diferentes), bem como na diferença entre

a recuperação de minerais e de orgânicos na indústria. Além disso, os materialistas científicos não notam que a matéria não é um zero ontológico, não é um dado bruto independente do sujeito, mas é cada vez mais afetada pelo humano, de sorte que não há natureza “natural”. O trabalho não pode criar substâncias naturais, mas pode modificar a forma delas. Há, pois, uma tensão entre forma criada pelo humano e lei imanente da natureza

Outrossim, há uma fundamental tensão temporal material que o capital expressa e enfrenta: de um lado a velocidade do capital circulante, de outro (a variável conforme a matéria) lentidão do capital fixo. Ainda, o autor destaca a tensão criada pela tendência de diminuição de lucro à medida em que o capital fixo aumenta com o aumento das forças produtivas de maquinaria; e tendência de escassez de matérias primas da produção, trazendo flutuações no valor, pois uma vez que a quantidade, obtida pelo trabalho, de uma certa matéria prima é menor num período do que no anterior, o resultado é capital fixo ocioso, rendendo, portanto, menos capital. Apesar da tendência de esgotabilidade de recursos, o capital tenta a todo custo aumentar ao máximo o leque de matérias primas para contornar o problema e com isso surge pela primeira vez na história, segundo Saito, a visada de uma totalidade da natureza submetida ao uso, convertida em objeto à disposição; um modo de ser no mundo que só pode nos levar à ruína junto com o equilíbrio metabólico da natureza.

No capítulo terceiro (*O capital como uma teoria do metabolismo*) o autor insiste que Marx procurou estudar ciências naturais para observar as consequências do capital sobre a natureza, pois com o decréscimo do lucro, o capital busca implementar a

força produtiva e a capacidade de explorar a natureza, sem que, em nenhum momento, seja incluído no valor o tempo necessário para a recuperação das forças naturais. Desse modo, podemos ver que a crise ecológica é mais profunda do que a crescente incapacidade do capital em satisfazer nossas necessidades, pois o cerne dela está na alienação, que provoca a ruptura metabólica. Assim, Saito nos permite compreender que a questão ecológica não é sobre a eficiência e desenvolvimento do domínio humano sobre a natureza, de sorte que uma economia sustentável não pode ser alcançada pelo simples viés tecnológico sem alterar o próprio modo de relação com a natureza. Pois, como demonstra Saito, Marx já afirmava que, além da supracitada contradição temporal, há o desperdício: por um lado, o capital busca organizar a produção de modo a extrair o máximo de valor possível, evitando desperdícios no processo produtivo; por outro lado, a anarquia do mercado estimula a produção massiva de mercadorias supérfluas que se tornam puro lixo.

A partir do quarto capítulo (*Liebig e O capital*) Saito discutirá o crescente foco de Marx nas ciências da natureza, que permitiu que ele fosse além da teoria da alienação e observasse o aspecto concreto e material da contradição entre humano e natureza. Uma vez que o livro 3 do *Capital* ficou incompleto não podemos avaliar corretamente a visão de Marx sobre a agricultura, por isso Saito recorre à obra Liebig sobre química e agricultura que teve grande impacto em Marx. Também é levado em conta o progresso no pensamento sobre a “lei dos rendimentos decrescentes” que postula uma diminuição da produtividade da terra mesmo com aumento do investimento de capital e trabalho. Com o estudo de Liebig, Marx

conseguiu compreender que a causa disso é a divisão entre trabalho espiritual e material que faz com que o campo trabalhe a terra materialmente para o consumo da cidade que não devolve os resíduos orgânicos para o solo do qual o alimento veio, gerando perda gradativa de nutrientes. Portanto, essa obra de Saito permite observar que uma sociedade coerente e socialista deve entender que ninguém pode ser dono da terra, nem mesmo todas as nações, uma vez que a terra também é condição material de existência das gerações futuras humanas e não-humanas.

No quinto capítulo (*Fertilizantes contra a agricultura de roubo?*) Saito aprofunda a compreensão científica de Liebig e seus contemporâneos sobre os rendimentos decrescentes que passa a ganhar outro foco: a agricultura de roubo, que designa o modo como o comércio capitalista retira os nutrientes do solo e não os repõe. Isso ocorre porque a grande concentração populacional está nas cidades, que consomem alimentos e jogam os restos orgânicos no esgoto e lixões, no qual se misturam produtos tóxicos ao solo. Ainda, diversos países do capitalismo central importam alimentos dos países subdesenvolvidos, que por isso têm a fertilidade de seus solos roubada. Isso se deve à ruptura do metabolismo, das relações temporais de consumo e reposição que constroem a sustentabilidade do solo. Contra isso, afirma o autor, Marx já sabia que o desenvolvimento técnico é incapaz de agir, no máximo aprofunda a crise, pois o objetivo da técnica no capitalismo é sempre a acumulação, e com isso, ignora um fator da força produtiva fundamental: “a capacidade subjetiva de interação consciente com o meio ambiente, que precisa ocorrer dentro dos limites da natureza”.

No sexto e último capítulo (*A ecologia de Marx após 1868*), Saito demonstra que Marx encontrou obras que analisavam a criação de desertos e modificações nas plantas (adaptação e migração para regiões não tocadas pela atividade humana) e mudanças climáticas (como a diminuição da humidade do ar por consequência da falta de florestas) como consequência da atividade produtiva. Assim, afirma Saito, o Marx maduro estaria bastante consciente dos limites do desenvolvimento capitalista, que, embora não crie o antagonismo entre natureza e humanidade, o intensifica de modo alarmante.

Desse modo, vemos, graças à obra de Saito, um Marx ciente de que o socialismo precisa reordenar a própria forma desse antagonismo entre natureza e humanidade. Pensar isso é tarefa fundamental para o nosso século e sobretudo para o Brasil, que tem o dever de cuidar da Amazônia, pois a cada dia

revela a questão climática como a mais determinante e inadiável. Saito afirma que, a partir das anotações de Marx e das leituras que ele vinha fazendo, podemos concluir que ele acreditasse num socialismo que buscasse vias multilíneas e não eurocêntricas, de tal sorte que a superação do capitalismo implicaria em, ao menos momentaneamente, retornar a formas pré-capitalistas de propriedade e produção (como aldeias indígenas e formas comunais de produção). Essa é, portanto, uma via que pode desagradar aqueles que acreditam e anseiam pelo simples desenvolvimento das forças produtivas e domínio crescente do homem sobre a natureza e nos põe a imagem de um humano mais finito, que não pode submeter inteiramente a natureza aos seus interesses.

Recebido em 2022-11-25

Publicado em 2023-03-13